

Croácia 5 - Ístria

A Croácia compartilha o Mar Adriático, essa reentrância do Mediterrâneo no continente europeu, com a Itália, uma faixa pequena da costa da Eslovênia e um pedacinho de menos de 10 km da Bósnia.

Trata-se de um litoral recortado, que compõe uma paisagem natural muito especial, cujo assentamento humano milenar foi dando novos contornos e, ao mesmo tempo, adaptando-se, por meio de dezenas de aglomerados urbanos, localizados estrategicamente em relação ao mar e interligados, também, por estradas. A rede urbana nesta região é, de fato, litorânea, pelo menos é o que parece a quem passa de 'marinheiro de primeira viagem'.

Na Croácia, a costa Adriática pode ser dividida em duas partes: a Ístria e a Dalmácia. A Ístria é, sem dúvida, uma região lindíssima, que está posicionada no extremo norte deste mar, conformando o Golfo de Kvarner e está assinalada em roxo, de modo aproximado, no mapa.



Dizer que a Ístria é croata é uma simplificação, porque, de várias perspectivas, ela se parece bastante com a Itália, com a Espanha e até mesmo, suponho, com a Grécia, onde eu nunca fui!

Até o ano 1.000 a.C, estas terras estavam habitadas pelos ilírios, por meio de um tipo de ocupação pouco associada à vida em aglomerados urbanos. Em 42 a.C., ali chegaram os romanos e anexaram este território a seu vasto império, o que propiciou a fundação de inúmeras cidades, no litoral e nas ilhas, estratégia usada para tomar posse e controlar o que foi “conquistado”. Desde a queda do Império Romano do Ocidente (século V d.C.) até o começo do século XV esta região permaneceu sob domínio bizantino, mas algumas cidades já haviam firmado acordo de cooperação mútua com Veneza, desde o ano 1000. A partir de 1420, o domínio veneziano se estabeleceu de modo completo.

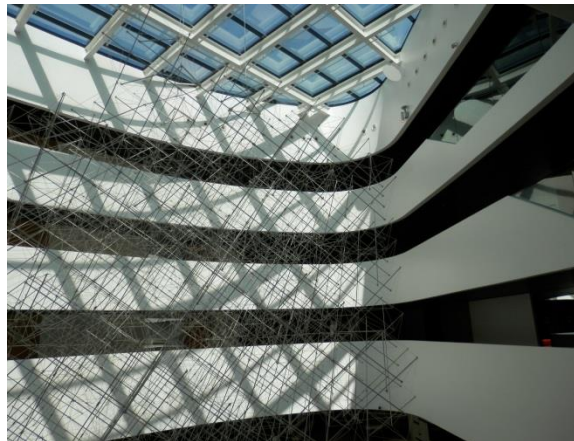
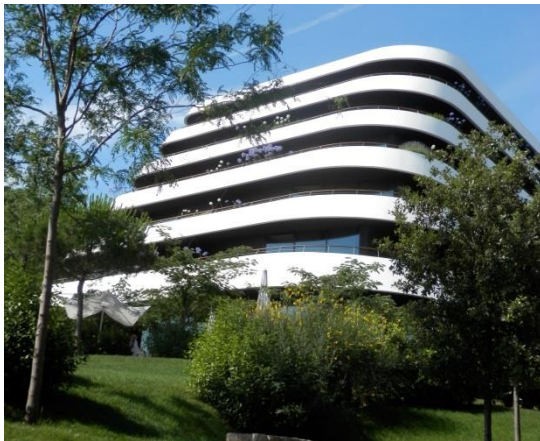
Entre 1797 e 1815, por causa da dissolução da República Veneziana por Napoleão Bonaparte, a França teve alguma influência nesta parte do Adriático, que foi anexada, na sequência, pelo Tratado de Viena (1815), ao Império Áustro-Húngaro. A primeira Guerra Mundial deve repercussões geopolíticas sobre estas terras e, em 1918, por muito pouco tempo foi criado o Reino dos Croatas, Sérvios e Eslovenos, que, rapidamente, converteu-se na Iugoslávia, o que teve continuidade até 1991. O que aconteceu, em seguida, já relatei rapidamente no primeiro capítulo deste diário.

O resultado deste mix de influências é uma região que, aparentemente, parece menos croata ou eslava do que o centro do país, onde está a capital Zagreb, pois lá os tipos físicos, a língua, a comida, os hábitos fazem, muitas vezes, a gente se lembrar da Rússia, por exemplo.

No caso da Ístria, a sensação é que estamos na Itália. Assim, sentimo-nos, no momento de chegada ao Lone Hotel em Rovinj, pois, no lugar da comunicação por inglês, a usual com os turistas na capital do país, os recepcionistas já perguntaram se preferíamos o italiano. As placas nas ruas trazem sempre duas línguas – o croata e o dialeto, com base no italiano, que é cotidianamente falado nesta região.

Aliás, chegar ao hotel não foi simples, porque o plano urbano de Rovinj adaptado aos meandros do litoral e ao relevo que é movimentado, pouco se presta à circulação por veículos. No entanto, valeu a pena chegar, porque o hotel é simplesmente maravilhoso, tanto que merece umas linhas e umas fotos neste diário. Ele pertence a uma rede internacional de hotéis de *design*, da qual, no Brasil, faz parte o Hotel Unique, localizado em São Paulo, projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake. Tudo no Lone Hotel é caprichado: a arquitetura em

ondas, uma para cada andar, dando à fachada um movimento que se parece ao do próprio mar; o mobiliário das áreas de uso comum e privado; o paisagismo que adentra ao edifício e também compõe a graça das varandas dos apartamentos; o uniforme do pessoal de atendimento; e, sobretudo, as áreas externas voltadas à pequena baía onde se assenta o hotel: cadeiras, mesas, espreguiçadeiras, gazebos e caminhos gramados ou não que oferecem mil lugarezinhas gostosos para se estar, solitariamente ou em grupo, no silêncio ou no barulho, na sombra ou no sol.



A culinária a Ístria é tipicamente mediterrânea. Os legumes assados, como a berinjela, a

cebola e o tomate, regados no bom azeite, tão apreciados na costa da Catalunha, na Espanha, e na Amalfitana, na Itália, vieram à cena nos cardápios.

Para completar nossa sensação de um mundo romano-veneziado, ao contrário do que ocorre em Zagreb, onde é grande o número de turistas japoneses, na Ístria, pelo menos no verão, o grupo maior é o dos italianos.

A foto de um cartaz, que estava afixado numa locadora de barcos, ajuda a termos uma vista aérea da cidade de Rovinj e vemos a maravilha do seu sítio urbano.



A foto seguinte tem o registro feito por nós, correspondente à outra face deste aglomerado urbano e, por meio dela, é fácil entender porque algo começou a me chamar atenção, o que acabei considerando uma paixão dos croatas: os barcos, de todos tamanhos, a vela ou a motor, de pequenas lanchas a iates, passando por catamarãs e jet skis. Em todas as cidades litorâneas, há píeres e embarcadouros para eles, há agências que alugam por horas, dias ou vendem passagens para passeios coletivos.

Por volta de 10 horas, eles começam a zarpar, outros saem no meio da tarde e perto do anoitecer todos retornam. No geral, eles embelezam muito a paisagem no verão e fico me perguntando se são usados no inverno.

Além de serem valorizados como esporte e lazer, o transporte marítimo é importante no dia a dia dos croatas que estão no litoral, visto que há muitas cidades que estão nas ilhas e a ligação entre elas e as continentais é cotidiana, além do transporte que se faz entre este país e a Itália.



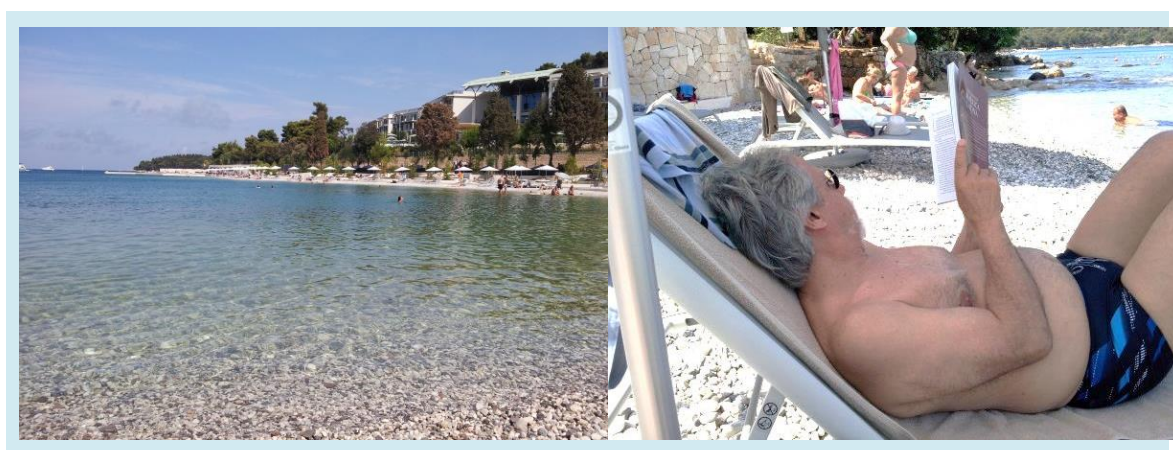
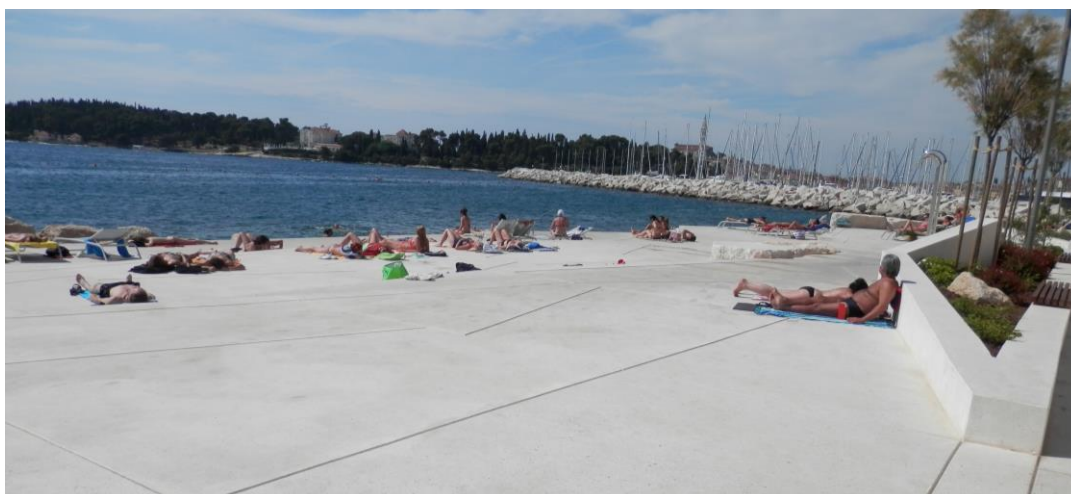
O sítio urbano de Rovinj é espetacular com a acrópole dominada pela Catedral de Santa Eufêmia da segunda metade do século XVIII, cujo interior, ao contrário da maior parte das igrejas que visitamos na Croácia, é iluminado e pintado com cores claras. As ruas calçadas de granito brilham, em função do desgaste do tempo. Todas estas vias estreitas afluem até a principal edificação, que impera na paisagem urbana.





A cidade foi fundada pelos romanos como porto, inicialmente numa ilha, que, em 1763, foi ligada ao continente por meio de um pequeno aterro gerando sua forma peninsular. Hoje, tem, apenas 13 mil habitantes e sua principal função é o turismo, como indicam dezenas de equipamentos voltados para o lazer. Toda a faixa de terra de frente para o mar está ocupada por hotéis, bares, restaurantes, sorveterias (hummm, o sorvete aqui é maravilhoso e, também, é do tipo italiano!) e preparada para o pedestre.

Desde o nosso hotel, era possível caminhar por uma calçada sem descontinuidade, por cerca de 1.500 metros e esse espaço é muito importante para o lazer e o turismo, pois mais do que tomarem banho, o que todos querem é ver o mar. Sobre esta passarela, tanto se esparramam os que lagarteiam aproveitando o sol, como os que caminham, estejam hospedados nos hotéis cinco estrelas, tenham chegado de barco coletivo de uma das ilhas que enfeitam a costa. De fato, trata-se de um espaço público de uso compartilhado por diferentes segmentos sociais. Comparada com as nossas, as praias não tem grande graça – são faixas estreitas e, ao invés de areia, têm seixos claros, o que obriga os banhistas a usarem umas sapatilhas de borracha todo o tempo. Por outro lado, as águas convidam à admiração pela cor maravilhosa e pela translucidez.



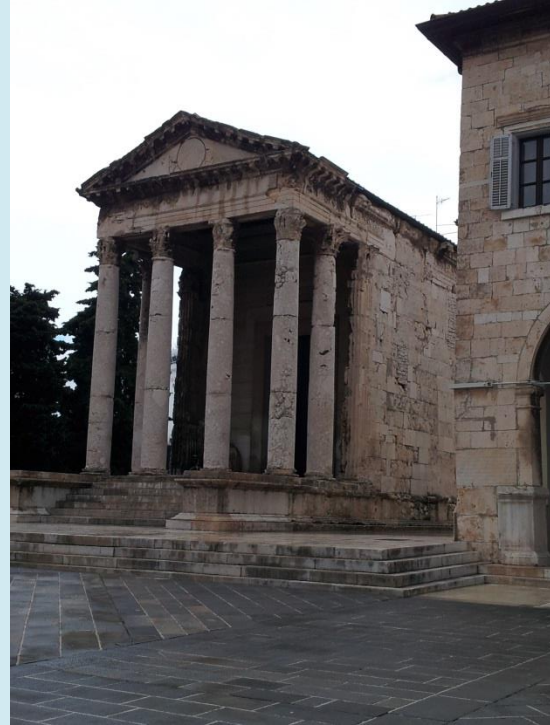
Pula foi outra surpresa bonita da Ístria. A cidade tem cerca de 60 mil habitantes e deu a impressão de ser a mais importante turisticamente falando de toda a região. Se Rovinj é a preferida dos que desejam praia, a herança histórica é o que conta mais e Pula, pois são muitos seus monumentos da era romana. Foi sede episcopal no ano 425. Os ostrogodos a destruíram completamente após a queda do Império Romano, mas ela voltou a florescer com os bizantinos e, depois, com os venezianos. Em meados do século XVII seus papéis declinaram e ela chegou a ter apenas 300 habitantes. Foi reabilitada pela Áustria, quando seu porto tornou-se base naval da frota do grande império em 1856. Hoje, seu papel portuário continua a ser importante, mas é também um centro universitário e se ampliam suas funções turísticas, após o fim do socialismo.

A mim, o mais impressionante em Pula, é seu anfiteatro romano. Não se trata de ruínas, porque ele está quase totalmente edificado ainda. Foi erigido por Cláudio e ampliado no começo da era cristã. Terá tido, segundo estimativas, capacidade para 23 mil expectadores

acompanharem lutas entre gladiadores. No sécul XV, ele foi parcialmente destruído para que suas pedras fossem utilizadas para construção de um castelo. Foi recuperado no período do domínio francês sobre a Ístria e, atualmente, é usado para espetáculos de música e para o festival de cinema.



O Templo de Rômulo e Augusto é outra edificação imponente do patrimônio de Pula. Foi erguido no século I d.C., com suas seis colunas e capitéis bem torneados. Internamente o suntuoso templo está em reparos, mas por fora é impressionante sua majestade em frente ao grande largo que leva ainda o nome de fórum de Pula, onde também se localiza a prefeitura municipal, diante da qual Eliseu pousa com sua camisa palmeirense.



A cidade foi murada no período romano e sobram algumas portas importantes. A da esquerda é o Arco dos Sergi e a da direita a Porta de Hércules, a mais antiga, erguida no século I d.C.



Parte grande do sítio histórico da cidade é, hoje, de uso exclusivo dos pedestres. O comércio estava animado para um dia de semana. Muitas das lojas ocupam o térreo de antigos sobrados do período veneziano, cujas paredes ainda aproveitavam a antiga muralha, como detalhe deixado na fachada mostra.



À medida em que caminhávamos, três aspectos chamaram atenção: - a presença de grande marcas da Europa Ocidental dominando já o comércio de um país que era socialista há duas décadas; - algumas lojas de produtos variados e baratos de propriedade de chineses, como por todo lado neste velho continente; - vitrines simpaticamente adornadas para lembrar a Copa do Mundo no Brasil.

Ao final do passeio, nada como um café, ao lado de James Joyce.



Carminha Beltrão

Junho de 2014